

A CARTA

NUNCA poupei críticas a figuras deste governo, mas, sinceramente, não vejo motivo para censurá-lo agora pela sua política externa. O Itamarati nos pareceu fraco e comprometedoramente insincero na questão dos telegramas de Buenos Aires, mas foi flexível, realista e hábil nas negociações sobre petróleo na Bolívia. Quanto às viagens que o chanceler tem feito a vários países da América do Sul, é certo que nem sempre elas resultam em vantagens imediatas. Indicam, porém, uma determinação de assumir um papel de importância na política latino-americana. Não se trata de conquistar hegemonia, mas em colocar o país politicamente à altura de sua própria força.

Valeremos tanto mais na ONU quanto mais ligados estivermos aos nossos companheiros da América Latina, e na medida em que tivermos possibilidade de uni-los para a defesa de causas comuns, êles que tão frequentemente estão desavindos entre si por questões de fronteiras, e outras.

Quanto à carta do sr. Kubitschek ao general Eisenhower, confesso que nada vejo nela de humilhante ou reprovável. Parece-me, pelo contrário, de um oportunismo inteligente e sua repercussão foi a melhor possível. Apesar da caturrice do sr. Dulles, Washington está consciente de que sua política em relação à América Latina está errada. A iniciativa do governo brasileiro visa capitalizar imediatamente essa reação às peripécias da viagem do sr. Nixon e precipitar um entendimento melhor entre os países deste lado do mundo. Capitalizar não no sentido de dar uma «lacada» de tantos milhões de dólares para desapêto da contingência, mas de rever a própria estrutura, diremos mesmo a própria filosofia da política dos Estados Unidos em relação a nossos países.

A reação do general Eisenhower foi pronta e positiva, e um emissário seu já chegou com a carta de resposta — ainda não publicada no momento em que escrevo. Tudo indica que teremos em breve pelo menos uma nova conferência de ministros, mas desta vez sob auspícios bem melhores que as últimas, em que os americanos ouviram com desdém e impaciência as sugestões dos países subdesenvolvidos.

Não será fácil, naturalmente, levar Washington a uma política de cooperação mais efetiva, mas êsse esforço deve ser tentado, e o momento é exatamente êste. Creio que os jornalistas e políticos da oposição devem medir cuidadosamente suas palavras neste momento em que o governo do Brasil faz o que tem sido tão raro em nossa política externa: toma uma iniciativa. Continue-se a malhar os erros e levandades do governo, mas não se permita que os alaridos de nossas dissensões internas chegue até o recinto em que vamos discutir problemas de mais alta importância para nossos destinos e os de todo o Continente.

O que talvez seja pedir muito em um ano eleitoral...

10/16/58